

REFLEXÕES SOBRE OS PROCESSOS COLABORATIVOS E COLETIVOS COMO MÉTODOS DE CRIAÇÃO COREOGRÁFICA DA GINÁSTICA PARA TODOS

Willians Rogério da Silva Muciati
Sesc SP, Osasco, Brasil.
will_muciatt@hotmail.com

Resumo

Com o objetivo de refletir sobre metodologias possíveis no processo de construção coreográfica da Ginástica Para Todos (GPT), e seus *modus operandi*, olhares sobre os processos colaborativos e coletivos podem indicar caminhos para grupos iniciantes desta prática corporal, quando em curto e médio prazo, e frente às diversas demandas de investigações de uma trama coreográfica. Essa reflexão alinha-se a (Carbinatto; Toledo e Tsukamoto, 2024), que defendem processos coreográficos cada vez mais democráticos ao equiparar a importância da criação à da apresentação pública. Nesse sentido, a reflexão sobre processos colaborativos e coletivos partem do entendimento de que os processos podem ser adaptados conforme a maturação de entendimento da GPT por cada grupo ao longo do tempo. Compreendendo a relevância do discurso cênico-coreográfico ao elaborar uma trama cênica sensível, surgem questões cruciais: em meio a movimentos, manipulação de implementos, ritmo, expressão, consciência corporal e espacial, e o desejo de diálogo com o público, qual é o tempo ideal para que um grupo de GPT desenvolva competências tão complexas? Quanto tempo é necessário para concluir um processo coreográfico, considerando a diversidade de competências, talentos, criatividade e sugestões que emergem durante uma criação coreográfica? A experiência no processo de criação coreográfica do grupo de “GPT Sesc Oz” em 2024, com a coreografia “Modernidade Rinoceronte”, ocasião de seu primeiro projeto cênico coreográfico após a abertura de uma turma regular de GPT, na unidade do Sesc Osasco - SP, pode servir como um estudo de caso, pois ao se deparar com o desconhecimento da GPT, pelos integrantes do grupo, naquele momento inicial, a construção coreográfica, pré-agendado para ser apresentado no Fórum Internacional de GPT, em outubro de 2024, poderia ser inviabilizada caso a condução do grupo fosse em processo coletivo. Para lidar com os prazos e a maturação de entendimento da modalidade pelos participantes, foi implementado o processo colaborativo, tendo a figura do educador como mediador e proponente físico/ artístico de processos investigativos sobre a temática da coreografia, sobre movimentos gímnicos e de outras áreas do conhecimento, ao mesmo tempo que acolhe o repertório motor de cada participante e se posiciona estrategicamente como um facilitador, disposto a ensinar e aprender com o grupo. O processo colaborativo, conforme (Araújo, 2015), é uma metodologia/ modo de criação cênica, onde todos os participantes do grupo exercem igual espaço propositivo, mas com papéis e funções bem definidos. Na GPT, o educador exerce a figura de mediador que viabiliza e dá diretrizes rumo aos resultados desejados pelo grupo, sem excluir os praticantes das decisões, consultas e reflexões importantes sobre o processo. Em contraponto, o processo coletivo busca uma estrutura menos hierarquizada e sem a figura de um educador ou coreógrafo, todos no grupo exercem todas as funções, porém se torna morosa a aprovação de cada etapa do processo de construção coreográfica, impactando a entrega de resultados e o cumprimento de prazos. Identificar esses modos de conduzir um processo coreográfico na GPT, pode ser uma excelente estratégia para lidar com as demandas reais, até que o grupo atinja a maturidade para lidar com processos idealizados, equilibrando os seus

Palavras-chave:

Metodologia.
Processo.
Colaborativo.
Coletivo

prazos e demandas e equalizando desejos individuais e coletivos para uma coreografia potente e rica em experiência para o grupo e para os espectadores.

Referências

ARAÚJO, A. O processo colaborativo como modo de criação. **Olhares**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 48–51, 2015. DOI: 10.59418/olhares.v1i1.8. Disponível em: <https://www.olharsceliahelena.com.br/olhares/article/view/8>. Acesso em: 22 maio. 2025.

BORTOLETO, M. A. C.; PAOLIELLO, E. (organizadores). **Ginástica para todos: um encontro com a coletividade**. 1ª edição; Campinas SÃO PAULO; Editora Unicamp, 2017, p. 246.

LEONARDELLI, P.; FERRACINI, R. Dramaturgia do invisível, dramaturgia da imanência: apontamento para uma potente dramaturgia microscópica. Urdimento **Revista de Estudos em Artes Cênicas**. 2013. Nº20.

TOLEDO, E.; TSUKAMOTO, M. H. C.; CARBINATTO, M. V. Fundamentos da ginástica para todos. In: NONOMURA, M. (Org.). **Fundamentos das ginásticas** – 3ª Ed., ver. e atual. – Várzea Paulista, SÃO PAULO; Fontoura. 2024. p. 19-55.